



BARCELOS



**O SOLAR DOS BRAGANÇAS : EL-REI
DOM JOÃO QUARTO : E O «MILAGRE»
DA RESTAURAÇÃO**

DISCURSO PROFERIDO NA SESSÃO SOLENE
DA CÂMARA MUNICIPAL DE BARCELOS
EM 2 DE DEZEMBRO DE 1940

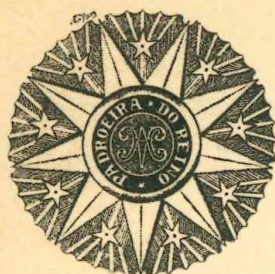
POR

ADÉLIO MARINHO
MÉDICO

1140 ¹⁶⁴⁰ 1940



))
(469.12)"1640"(04
AR



BARCELOS



O SOLAR DOS BRAGANÇAS : EL-REI
DOM JOÃO QUARTO : E O «MILAGRE»
DA RESTAURAÇÃO

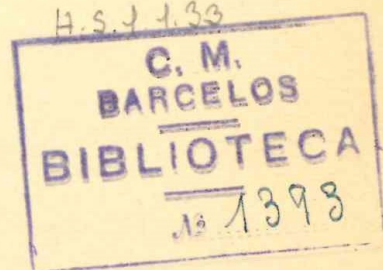
C. M. B.
BIBLIOTECA

DISCURSO PROFERIDO NA SESSÃO SOLENE
DA CÂMARA MUNICIPAL DE BARCELOS
EM 2 DE DEZEMBRO DE 1940

POR

ADÉLIO MARINHO

MÉDICO



1140 ¹⁶⁴⁰ 1940



BARCELLOS

O SOLAR DOS BRAGAÇAS E MARI
MOM JARDIM QUARTO E O MILAGRE
DA RESTAURACAO

CONSELHO MUNICIPAL DE BARCELLOS
CIVIL E DE DEFESA DO Povo

ADALTO MARINHO

1910

BARCELOS

O SOLAR DOS BRAGANÇAS: EL-REI DOM JOÃO
QUARTO: E O «MILAGRE» DA RESTAURAÇÃO

A' Minha Terra

a minha lembrança sempre,
sempre o meu amor.

Barcelos,

Janeiro 1941.

Adélio Manteiga

NO ANO ÁUREO DAS COMEMORAÇÕES CENTENÁRIAS
DA FUNDAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL — MCMXL

BARCELOS

O SENHOR DE ACANÇAS, FILHO DO SR. JOÃO
DE ALMEIDA E O SENHOR DA RESTAURADA

SENHOR DA RESTAURADA DE ALMEIDA FILHO
O SENHOR DE ACANÇAS, FILHO DO SR. JOÃO

PUBLICAM-SE alguns exemplares dêste breve discurso apenas para satisfazer vêlhos amigos, que nele veem, muito generosamente, a lembrança duma tarde magnífica: muito nossa, por ter sido muito portuguesa.

MONSENHOR Cónego José Augusto Ferreira, sábio e bom, cedendo por alguns dias, para consulta, os seus célebres «Fastos Episcopais», foi de certo modo ajuda grande, valiosa, no arranjo dêste trabalho.

A FOTOGRAFIA do pergaminho que aqui se insere autentica a oferta duma arca regional, contendo o traje de festa da Mulher de Barcelos, a Sua Alteza Real a Sereníssima Infanta de Portugal e Princesa de Bragança, Senhora Dona Felipa Maria, em lembrança da Sua visita a Portugal, por ocasião das Festas dos Centenários da Fundação e da Restauração, como Representante de Seu Augusto Irmão Senhor Dom Duarte, Duque de Bragança, e por isso também da Tradição e de Oito Séculos de História.

Esta oferta, magnífica ideia e realização do digníssimo advogado Doutor Joaquim Furtado Martins, foi patrocinada pela Comissão Municipal de Turismo e por um Grupo de Barcelenses.

DA «RESENHA-Histórica-Pitoresca-Artística», do illustre oficial e muito erudito José Mancelos Sampaio, com a colaboração artística, sempre excelente, de Augusto Soucasaux, brilhante publicação que honra os autores e enriquece Barcelos, para aqui se trans-

creveu, por importante e adequada, aquela carta del-Rei Dom João Quarto à Câmara Municipal de Barcelos.

TAMBÉM da mesma « Resenha-Histórica », dum desenho sobremaneira curiosíssimo — « A mais antiga panorâmica de Barcelos » — o barcelense amigo e jovem artista António Carlos da Silva Esteves, com a sua já consagrada pênna, reproduziu e salientou — isolando-a — a antiga, bela e famosa Porta da Ponte.

A ANTÓNIO Carlos, que desenha Barcelos a todos os instantes, tam permanentemente a ama, de igual modo se devem também os formosos trabalhos: Casa do Condestável, Casa do Alferes Barcelense, Colegiada de Barcelos, Ruínas dos Paços dos Condes-Duques e Marco Brigantino.

A FOTOGRAFIA da lápida com a conhecida inscrição latina, alusiva ao voto de Dom João Quarto à Padroeira de Portugal, restaurada agora no tri-centenário da Independência, é trabalho e oferta dum novo — Eduardo Henrique dos Santos Ferreira Vale — em quem sempre desperta interêsse a beleza da sua terra antiga.

COMPOSTO e impresso, no Ano Áureo e no Mês da Padroeira de Portugal, na Companhia Editora do Minho, Barcelos.

CASA E MUSEU
DE BARRAL

DEDICATÓRIA

À

*CÂMARA MUNICIPAL
DE BARCELOS*

E À

*COMISSÃO LOCAL
DOS CENTENÁRIOS*

A QUEM DEVO

TAM GRANDE E IMERECIDA HONRA

«**S**eja assim, Senhora, e eu vos prometo em nome de todo êste reino que êle agradecido levante um trofeu a Vossa Imaculada Conceição, que vencendo os séculos, seja eterno monumento da restauração de Portugal».

Dum sermão de Frei João de São Bernardino «em que se sugere — diz Padre Moreira das Neves — a consagração official da Nação à Virgem, por ocasião duma imponente solenidade que se realizou por ordem de Dom João Quarto, na capela real dos Paços da Ribeira, em honra e louvor de Nossa Senhora da Conceição».

ÆTERNIT SACR. IMMA:
CVLATISSIMÆ CONCEPTI
ONIMARIÆ IOAN. IV. POR:
TVGALL. REX. VNA CVM
GENERAL. COMITIIS SEET
REGNA SVA SVB AINHO
CENS VTRIBVTARIA PVBI
ICEVOVIT. ATQVE DEIPAR
AMINIMPERIITVTELARE
MELECTAM ALABE ORI:
GINALIPRAE SERVATA PERP
ETVO DEFENSVRV. IVRAM
NTO FIRMAVIT VIVERETVT
PIETASLV SITAN. HOCVIVOL
APIDEMEMORIA LE PERENNE
EXARARIIVSSITANN. CHRIST
IMDCXLVIIMPERIISVI-VI-
ANNO 1654

RESTAVRADA NO ANO DAS
COMEMORAÇÕES CENTENÁRIAS
1940

Lápida alusiva ao voto de Dom João Quarto à Padroeira de Portugal

— « Juiz, uereadores e procurador da camara da uilla de Barcellos. Eu El-Rey uos enuio muito saudar. D. Gastão Coutinho, meu capitão general dessa prouincia me deu conta do amor e fedelidade com que os moradores dessa uilla acodem a meu seruiço, do que estou com a deuida satisfação e pareceo-me dizer-uolo por esta carta para que o tinhais entendido e o signifiquéis a todos da minha parte e que hei de ter uiua lembrança de tão bons uassallos que estimo tanto para folgar de uos fazer fauor e mercê em comum e em particular conforme aos meritos de cada um. Rey. Es-crita em Lisboa a 4 de feureiro de 1641 » —



Paris, chez Jean le Prestre, Palais National, ci-devant des Arts, sous le Vestibule, au Salon de Peinture.
JEAN IIII PAR LA GRACE DE DIEU ROY
*de Portugal & des Algarbes, de la & de la mer
d'Afrique, Seigneur de l'Inde des Indes, des Indes Orientales &
Occidentales, &c.*

El-Rei Dom João Quarto

Senhor Presidente

da Câmara Municipal de Barcelos;

Minhas Senhoras;

Meus Senhores.

NUM gesto de delicadeza e de bondade, que o meu coração agradece, quis V. Ex.^a senhor Presidente trazer-me até aqui, para que por mim—muito pobremente embora—Barcelos falasse, falasse de certo modo um pouco de si próprio. E precisamente, minhas Senhoras e meus Senhores, neste momento e neste ano das Festas Centenárias, *festa nacional por excelência*—afirmára-o em Guimarães o notável escritor Alfredo Pimenta— *porque nos junta no altar da Pátria, para recordarmos tudo quanto nos uniu e pode unir-nos, e esquecermos tudo quanto nos separou e pode afastar-nos.* Neste momento e neste ano, em que a Nação inteira, guiada por Salazar (o Político providencial, que é também Professor e Sábio), revive e relembra as jornadas heróicas do Passado—espontânea tentativa talvez ou já mesmo propósito, acentuadamente patriótico, de modelar uma grande alma, a alma que por completo há-de animar amanhã um Portugal digno em tudo do Portugal de

sempre; digno — como o de hoje ou mais ainda — dos nossos grandes Reis, dos nossos Heróis, Santos e Poetas... Enfim, como disse ainda há pouco o brilhante Augusto de Castro, *um Portugal fiel ao Passado, que é a lei do seu Futuro*.

Eu vim, meus Senhores, sem hesitar, alegre, porque soldado da minha terra, como soldado alegremente só sei obedecer. Contudo, e porque cêdo aprendi o valor da tarefa que V. Ex.^a me distribuiu — a V. Ex.^a eu quero ainda dizer, também: a outro — que sentindo Barcelos como todos nós, também o visse, também o soubesse descobrir, para no-lo mostrar agora como êle foi, ou deveria ser na verdade, em cada momento e em cada passo da longa vida nacional, com as suas gentes, paisagens, lendas, virtudes, arte, amor: com a sua história enfim; a outro — caberia sem dúvida êste honroso lugar e do mesmo modo o honroso prazer de nos ensinar a ler, com alto e carinhoso sentido — como em serão antigo — algumas das mais belas páginas da Sereníssima Casa de Bragança e da gloriosa Restauração da Independência. Algumas, pouquinhas que fôsem, mas enfim sempre as que melhor falassem de Barcelos.

A nossa terra — sabem-no todos — tem lugar certo, quasi lugar de privilégio, no largo e fecundo período da vida nacional mais de perto e mais tradicionalmente relacionado com a data histórica que hoje se quiere comemorar.

Ao estudar-se, de facto, a revolução de 1640, em quasi todos os aspectos porque ela se encare e em

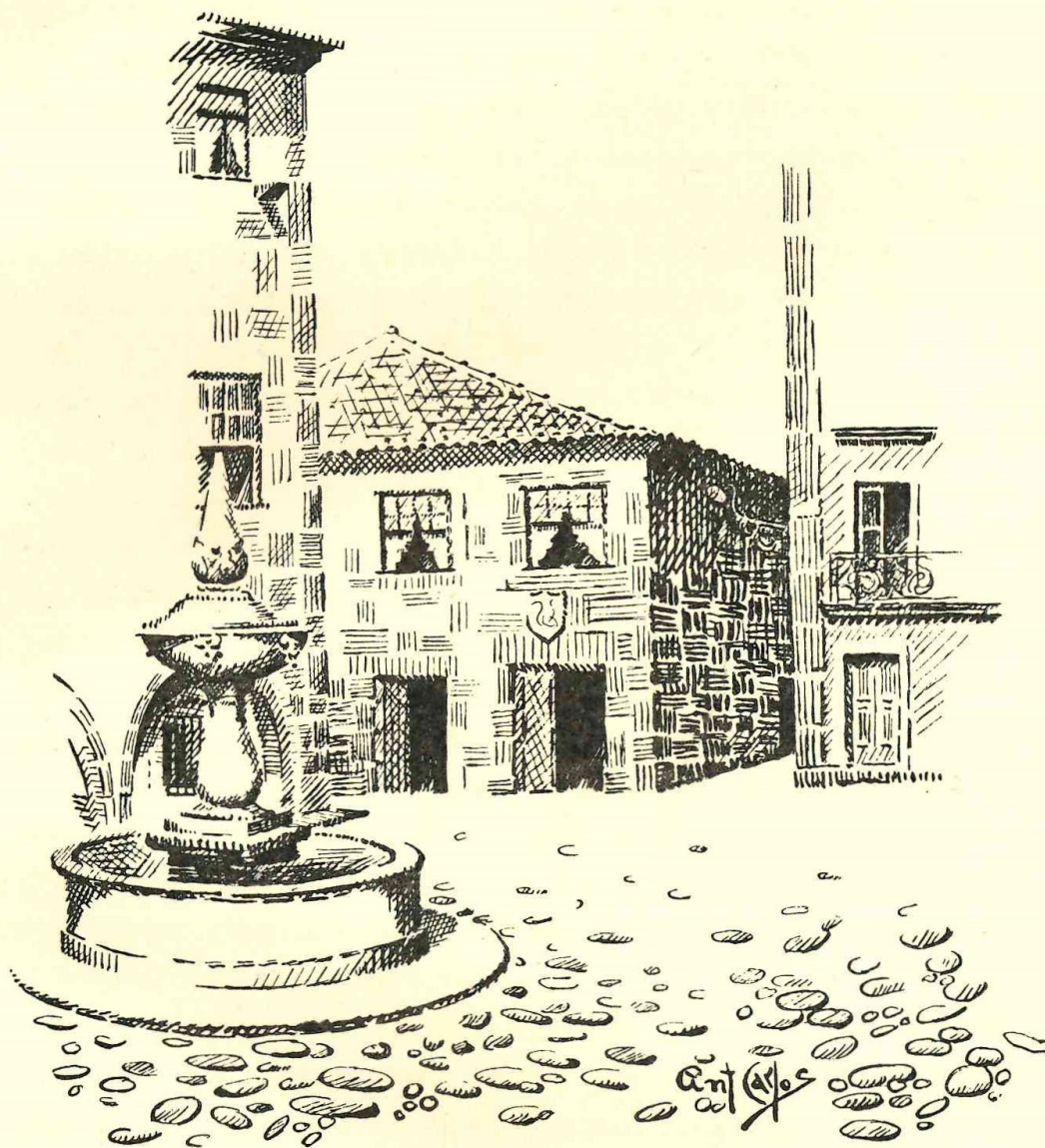
quási tôdas as fases porque a venha a surpreender cuidadosa atenção, o nome de Barcelos — terra maior da Casa de Bragança e sede do primeiro e do mais opulento condado de Portugal — surge a cada instante, sem esforço, como palavra de fé, de lealdade e de patriotismo — de magnífico portuguesismo sempre...

Não há, meus Senhores, exagêro algum no que afirmo. Do que sei a propósito, e bem pouco é, a meu jeito contarei, apenas, o que com outros aprendi. A minha voz será ainda também, ou desejá-lo-ia ser por fortuna, o éco — embora sempre longínquo, quási apagado — de algumas das muitas nobilíssimas lições que os factos da história brigantina a tôda a hora nos dão.

Homens e factos — meu coração batendo sempre por Barcelos — mais que nunca nesta hora a todos eu vejo, nesta hora a todos eu oiço!

= O nobre Francisco de Gouveia Mendanha — *hua das pessoas mais principais de Barcelos*, como diz Felgueiras Gayo — é aquêlê que *sẽ esperar muita certeza*, e antes de tôdas as outras terras de Entre-Douro e Minho, aqui em Barcelos primeiro aclamou por Rei a el-Rei Dom João IV, numa sexta-feira, em 7 de Dezembro de 1640. Escrever seu nome em oiro e sua attitude fixá-la como alto e singular exemplo daquelle fervor patriótico dos portugueses da Restauração — eis para os barcelenses um prazer, mas também um dever. = É o doutíssimo cabido do Pôrto

— num gesto singular que circunstâncias especiais da época justificariam — sem hesitação transfere, segundo informam escritos antigos, as tradicionais obrigações de voto que mantinha com santuários espanhóis — Nossa Senhora de Guadalupe e Sant'Iago da Galiza — para as quatro romarias mais portuguesas, como assim as classifica: Nossa Senhora da Nazaré, Nossa Senhora da Lapa, Rainha Santa e Cruzes de Barcelos! = O já bastante conhecido patriotismo daquela célebre barcelense vereação municipal, que só por obediência a seu Amo e Senhor — o Duque de Bragança — se sujeita pacientemente por fim a revoltantes exigências do governo estranho de Olivares. E que admira! — senhores — se na suprema direcção de Barcelos andava por herança, orgulhosamente mantida num Góes do Rego, aquêlê carácter altivo e patriótico do «alferes barcelense» — daquele mesmo, como outro não houve talvez depois, que o desafortunado entardecer de Alcácer-Quibir tornara igual, da mesma altura, do quási lendário Alferes de Toro. = É a notável acção militar dos voluntários de Barcelos — é, diz o próprio Soberano referindo-se aos barcelenses, *o amor e fedelidade com que os moradores dessa vila acorrem a meu serviço; em serviço de seu Rey, & de sua pátria* na defesa das praças do norte contra as investidas das tropas da Galiza. = É aquêlê insigne Dom Prior de Cedofeita — Nicolau Monteiro — que em Roma, onde fôra em especial serviço da Igreja Portuguesa, muito contribuíra, pela sua notável influência diplomática, para o definitivo



Casa do Alferes Barcelense

reconhecimento da independência de Portugal. Seu nome — que também não se esquecerá — anda num bocado da História do País, deve andar também em vélhos pergaminhos da nossa terra, pois foi por aqui que esta eminente figura começara sua vida de letrado, como Mestre-Escola da Colegiada de Barcelos. Se ensinar é aprender, meus Senhores — foi pois em Barcelos que primeiro aprendeu aquêlê que mais tarde ia ser, na côrte joanina, sábio professor de Príncipes.

Homens e factos... nesta hora a todos eu vejo, nesta hora a todos eu oiço!

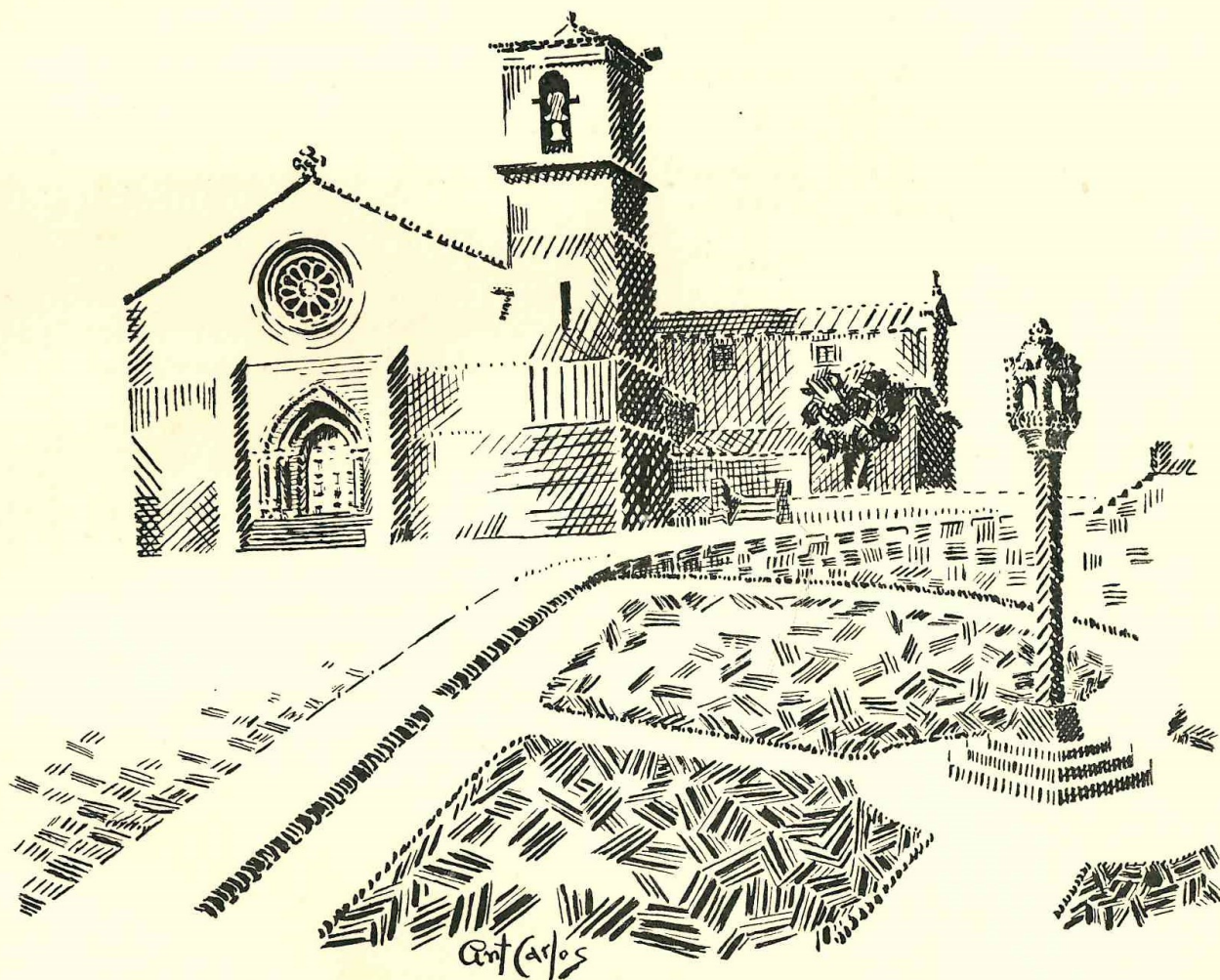
= « *Onde a terra se acaba e o mar começa
há uma casa onde amei, sonhei, sofri;
encheu-se-me de brancas a cabeça
e, debruçado para o mar, envelheci...* »

Aquela casa, lá em baixo, em S. Pedro de Moel, é uma das mais portuguesas das «nossas» casas. E aquêlê que nela amou (e ama ainda, porque «o amor não tem fim, se é belo amor») é o poeta-prosador que numa carta deliciosíssima — honra e fortuna para quem a possui — escreveu um dia, sorriu um dia para todos nós: *faço bons votos porque Barcelos venha a lograr nas festas centenárias o alto lugar que a nossa História lhe confere.* Afonso Lopes Vieira — grande poeta e grande português — bem haja!

= *A nossa terra deve ser incluída no número dos lugares sagrados de Portugal onde se realizem, neste ano áureo, actos comemorativos de especial relêvo, em correspondência com os seus direitos históricos — proclama o patricio illustre Doutor Joaquim Pais de Vilas Boas. = Diz o nobre e cultíssimo minhoto Doutor Alberto Carlos de Magalhães e Menezes: Barcelos é a terra portuguesa que possui mais justos títulos para assistir e intervir nas celebrações centenárias da Restauração. = São do erudito investigador Major Mancelos Sampaio estas palavras, esta intimação amiga: as gerações actuais dos barcelenses — relembando as acções de seus passados — têm o dever e o direito de promoverem a integração de Barcelos nas comemorações da Restauração de 1640. = E nesta toada de louvor à nossa terra — amor e prémio que Barcelos guarda — não falta, não podia faltar, a voz do gran trovador amigo, que no seu varandim de Belinho canta, canta noite e dia, a Deus e a Portugal. E não faltou com esta prova de fidalgo carinho, com esta quadra inédita, da dedicatória de um livro oferecido a um barcelense amigo:*

*« Nobre vila de Barcelos
Que no rosal bragantim
Foste o mais lindo canteiro
Do qual nasceu o jardim! »*

= *Agora, palavras de Raínha, as que na minha voz se vão ouvir. Da nobre França — daquela que é*

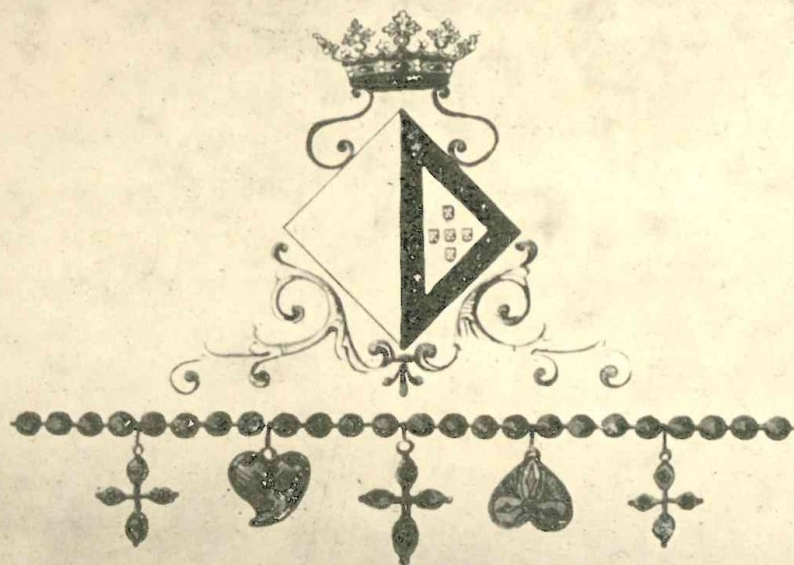


A Velha Matriz-Colegiada

eterna por suas virtudes, e por isso se admira e respeita sempre — docemente altiva às vezes, sem sol, tôda sombria agora —, sua própria pátria só porque nela nasceu, e onde hoje vive (ia a dizer: e onde morre também cada dia) — no seu exílio de Saüdade e de Amor por Portugal (*é com as lágrimas nos olhos que eu vejo o meu querido País erguer-se — porque eu sou portuguesa!*) — Sua Magestade a Senhora D. Amélia de Orléans e Bragança, num cartão que generosamente para aqui dirigiu e que eu guardo — que orgulhosamente por-certo qualquer barcelense guardaria — Sua Magestade a Rainha tem entre outras, para todos nós, esta frase encantadora: *A vila de Barcelos sempre me foi muito querida, pela nobresa dos seus altos feitos.* = E é ainda a vigorosa feição histórica da nossa terra, cujo perfil em notas breves eu vou fazendo como sei, que a todos nós — apenas barcelenses e apenas portugueses, isso basta — há-de explicar a próxima visita a Barcelos duma neta de Dom Miguel I — a «Princesa do Lindo Sorriso». Hóspede de honra do govêrno de Salazar, que lhe destinou para habitação desta hora o Palácio Nacional de Queluz, onde nasceu seu Avô, e donde êle reinou tam poucos anos, mas com tantas virtudes portuguesas; augusta representante de seu irmão o Senhor Duque Dom Duarte — em nome de quem visita Portugal — e em cujo sangue anda sangue de todos os nossos Reis e, também, do Condestável Dom Nuno — Santo e Conde de Barcelos; Princesa de Bragança, daquela «casa» que na nossa

terra, nobre e antiga, teve sua origem e seu primeiro solar; Sereníssima Infanta de Portugal — absolutamente para todos os portugueses — e por isso tam respeitosa e enternecidamente saúdada pelo venerando Presidente Carmona, illustre Cardeal Patriarca, Arcebispos e Bispos, nobilíssimo Govêrno, demais autoridades, «Legião», «Mocidade», organismos militares, artísticos, culturais, religiosos, e ainda magistrados, professores... e por outras e tantíssimas figuras notáveis de todo o País; — Sua Alteza Real a Senhora Infanta D. Felipa Maria de Bragança anunciou há pouco, em Lisboa, muito espontaneamente, que de longe e de há muito trazia um desejo, que com grande contentamento ia satisfazer agora: — *Eu quero visitar Barcelos.*

Homens e factos... alguns aqui ficam. Mas doutros mais poderia eu falar (e sem nunca sair do recinto histórico que aos barcelenses mais interessa e que também êste ano jubilar agora recorda) se, para tanto, tempo houvesse. Êstes bastam, contudo, como afirmação de que Barcelos é talvez neste momento, e dentre tôdas as terras portuguesas, aquela terra onde os portugueses podem com certeza comemorar o tri-centenário da Independência com maior orgulho e com maior alegria. Alegria e orgulho, que não podendo magoar ninguém, também a ninguém — entre os barcelenses pelo menos — compete discutir e menos ainda rejeitar, porque vêm dar mais festa



A Comissão Municipal de Turismo e um Grupo de Barcelenses, mui respeitosamente, beijam a Mão de Vossa Alteza Real e pedem licença para oferecer
À SERENÍSSIMA INFANTA DE PORTUGAL, E PRINCESA DE BRAGANÇA, SENHORA DONA FELIPA MARIA,
o traje de festa da Mulher de Barcelos.

Barcelos, Ano Jubilar dos Centenários da Fundação e da Restauração de Portugal, doze de Dezembro de mil novecentos e quarenta.



Pergaminho oferecido à Senhora Infanta

Model and 2 of the same class

à festa que Barcelos faz neste dia — voltando-se solene e publicamente — de joelhos quasi, quasi de mãos erguidas — para Aquela — que por ter sido na inesquecível manhã de Dezembro, — como o fôra também em tantas outras manhãs lusíadas — a nossa maior e indispensável ajuda, ficou sendo desde então, e para sempre, a gloriosa Padroeira Nacional.

O Rei o quiz — ousadamente, como logo se depreenderá. Porquê? Além do mais, porque essa era também a vontade do seu povo, ousado e crente. Afinal, sempre o mesmo, e sempre grande quando traz consigo Deus e Portugal — é, sim, o próprio povo que ainda neste instante me parece ouvir, ao ouvir outra vez a voz de António Correia d'Oliveira, nestes versos duma «História Pequenininha de Portugal Gigante» — versos que são de agora, que serão com certeza de amanhã, como poderiam ter sido já de Ourique:

*«Senhora da Conceição,
Não tens povo mais amigo:
Inda o Reino era criança,
Já êle andava contigo».*

.....

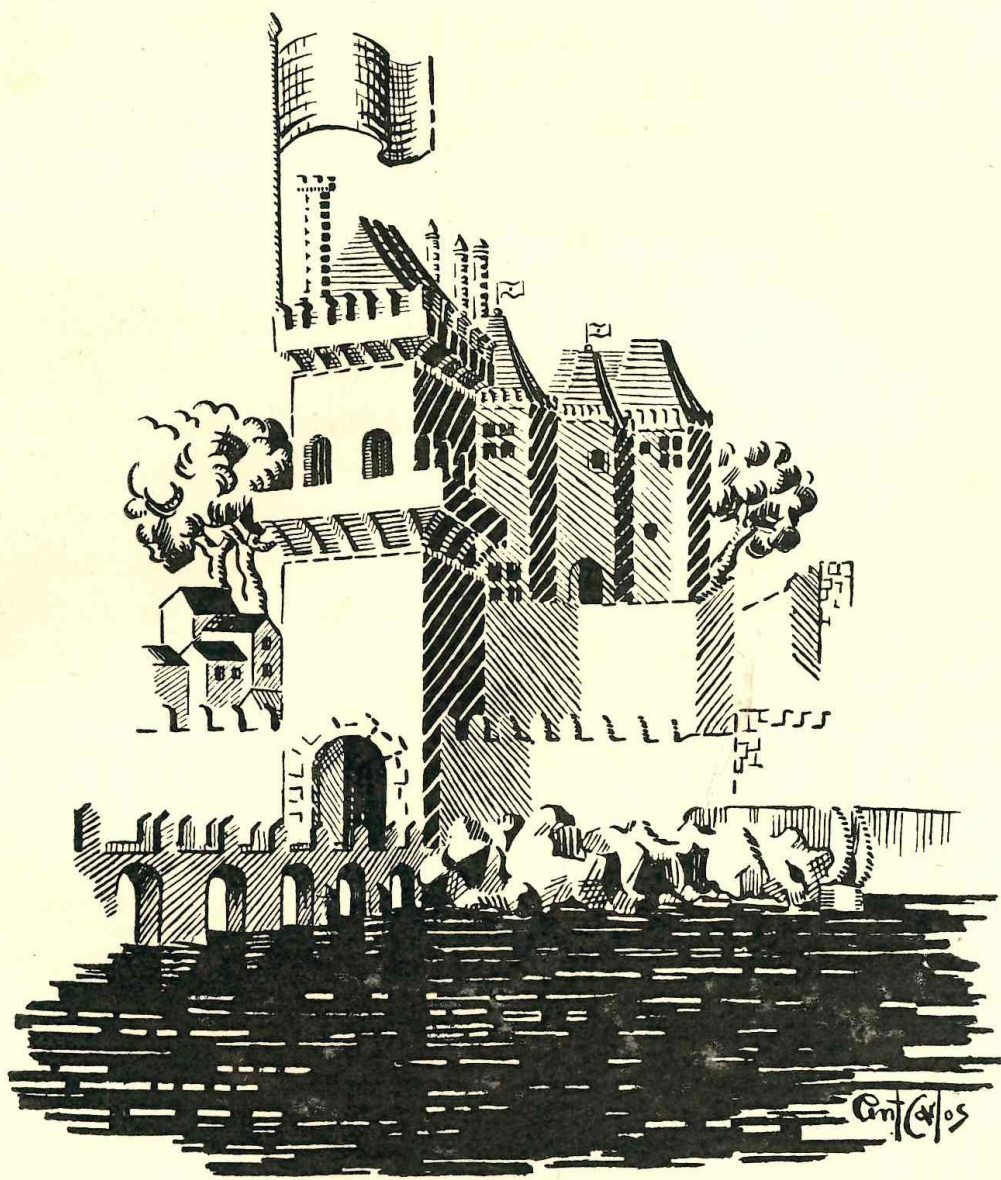
.....

*«Senhora da Conceição,
Ó Padroeira! ó Madrinha!
Não nos deixes ficar sós:
Não queiras ficar sózinha...»*

Meus Senhores: Para a vitória da Restauração muito contribuiu, sem dúvida, o extraordinário patriotismo dos portugueses, a sua inquebrantável lealdade à Casa de Bragança, a magnífica acção patriótica e intelectual das Ordens Religiosas e da maioria do clero, sobretudo do clero de Lisboa com o notabilíssimo arcebispo Dom Rodrigo da Cunha e, mais ainda, — acima de tudo — a acção daquele Duque de Bragança, que soube — no dizer dum cronista — governar o Reino com *certa ciência, poder real e absoluto*.

Mas Portugal, sobretudo o Portugal de além-Mar, quasi que enjeitado, sem apoio, a parecer desmoronar-se; má situação internacional; pobres de dinheiro e talvez de alianças — de amigos também; quasi sem lar, ou lar triste sem fogueira; nenhum exército e nenhum poder; os postos de comando da Nação nas mãos de estranhos; e por fim, até, algumas hesitações dos próprios fidalgos-conspiradores; — com tôdas estas sombras, com a vida nacional, assim, desoladora, meus senhores: os portugueses nada fariam certamente naquela manhã «pura e alegre» do 1.º de Dezembro, se por fortuna nossa o céu — o céu que de estrêlas sempre nos cobriu — a todos não houvesse ajudado naquela hora.

Assim pensam eruditos patriotas de hoje, ao meditarem sàbiamente sôbre gloriosas façanhas doutora. Assim pensaram, mesmo, há três séculos, outros portugueses e dos melhores, bem convencidos, e talvez com motivo, de que na verdade — como então se dizia — *eram poucos para tam grande feito*.



A antiga Porta da Ponte

O céu, meus senhores, acompanhou-nos sempre e acompanha-nos ainda hoje, mesmo agora nesta época para todos de sérias inquietações e de crueldades sem par, dando-nos — ante o espanto de todo o mundo — horas de certa ventura nacional num viver simples, talvez — mas orgulhosamente portuguesas; sem riquezas por-certo, — mas cheias de «dôce paz doirada», a paz da Nossa Terra. Milagre?! É palavra que se ouviu em tôdas as idades, e se ouve também agora, a cada passo, justamente em bocas de portugueses, mas mais ainda, talvez, de estranhos, ao contemplarem connosco, das nossas janelas acolhedoras e amigas, cheias de sol e de flores, a fogueira imensa que, lá longe, de morte tudo parece ameaçar... Sim, mesmo das nossas janelas; daquelas que «andam por aí, em todo Portugal», e que ainda, nas originallíssimas expressões do insígne Afrânio Peixoto, que tanto nos quer, são às vezes «jóia de ourivesaria, em pedra», e deveriam ser sempre, apenas, «janelas de ver a Deus...»

Obra de milagre — e isto sem dano quer para a reconhecida acção heróica dos portugueses de seiscentos, quer para a verdade da nossa História que tem bocadinhos de céu em cada página — obra de milagre foi, na verdade, a obra da Restauração.

E por milagre, pois, meus senhores, Portugal voltou para os portugueses. Mas o Rei estrangeiro não se conforma com a perda do que só a nós pode e deve pertencer. E pela violência, por meio das ar-

mas, procura reaver a Nossa Terra nesses infindáveis 28 anos de guerra. É então que entre as maiores dificuldades — o Prof. Joaquim de Vasconcelos o diz: *dificuldades que jamais rodearam um monarca e um povo* — num dos mais gloriosos períodos da nossa História, mas também dos mais agitados, que El-Rei e Senhor Dom João IV revela, mais que nunca, raras e nobilíssimas qualidades, pessoais e políticas, bem próprias tôdas dum Chefe extraordinário: Chefe que nos levou à vitória. É então, ou é então sobretudo, pois a página del-Rei — afirma-o Doutor Manuel Lopes de Almeida, professor ilustre e ilustre Sub-Secretário da E. Nacional — há-de ser composta com algumas tintas das suas últimas acções.

O «Feliz-Restaurador» em si apenas, porém, não confia. É-lhe útil, e indispensável, a acção dos homens que as suas mãos firmes dirigem. É ouvi-lo a êle próprio: *precisamos de braços valorosos e de peitos resolutos*. Mas numa doce convicção de extraordinário fervor lusíada — no seu sangue andam guerreiros, mas também andam santos — El-Rei e Senhor quer Deus, também, junto de si e de todos os portugueses. E num gesto patriótico, sobremaneira ousado para aquela época em que o dogma da Imaculada Conceição não era ainda definido pela Igreja, = nas côrtes de Lisboa, em 1646, num ambiente de grandeza sem par, por aclamação é declarada Nossa Senhora da Conceição Padroeira do Reino, e aí jurada solenemente por El-Rei, Família Real e pelos Três Estados.

E agora — não evidentemente pelo nada que sou, mas pelo muito que neste instante posso representar — seja a minha voz a voz do nosso querido Presidente da Câmara, ou dos Superiores das Ordens Religiosas, dos Reitores Universitários..., seja enfim, até — e perdoai-me pela beleza da intenção a loucura da minha fantasia — seja enfim a minha voz: a voz do próprio Rei-Restaurador. E então, meus Senhores, ouvindo-o todos de pé, como de pé ouviu seu desejo — de grande Chefe e de verdadeiro Cristão — a Nação inteira há três séculos, como êle eu repetirei — e para que todos, também agora, fervorosamente as oiçam — aquelas solenes palavras, ideia e luz duma época que hoje relembramos, e que a fé lusíada e a nossa História para sempre consagraram :

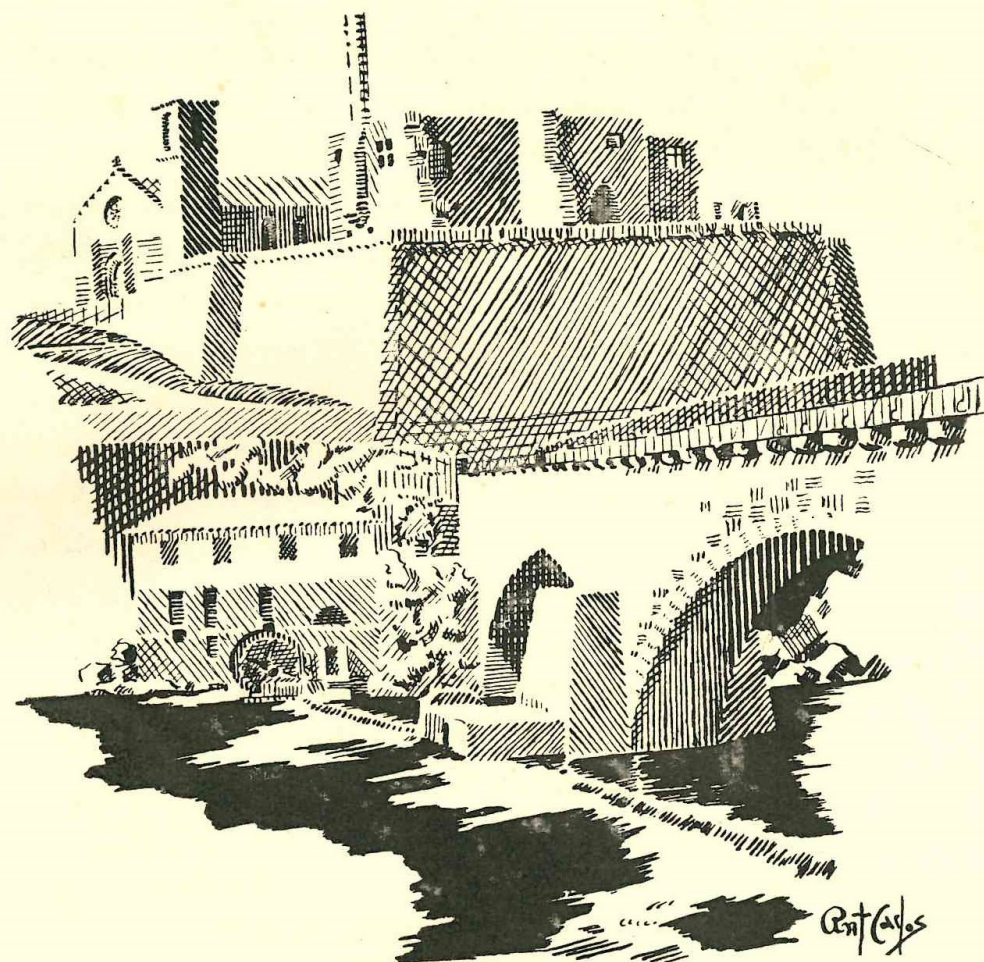
*«Prometemos e juramos todos em
nossos nomes e de nossos sucessores,
de sempre termos e guardarmos e de-
fendermos a opinião dos Doutores, que
ensinam que a Virgem Maria Nossa
Senhora fôra concebida sem mácula
do pecado original».*

Êste juramento, num cerimonial a que se alia-ram sempre brilhantíssimas festas, (e de que citei agora uma das mais breves fórmulas, talvez, porque fôra feito) foi de facto repetido por tôda a Nação: Na Universidade de Coímbra (aqui «houve repi-

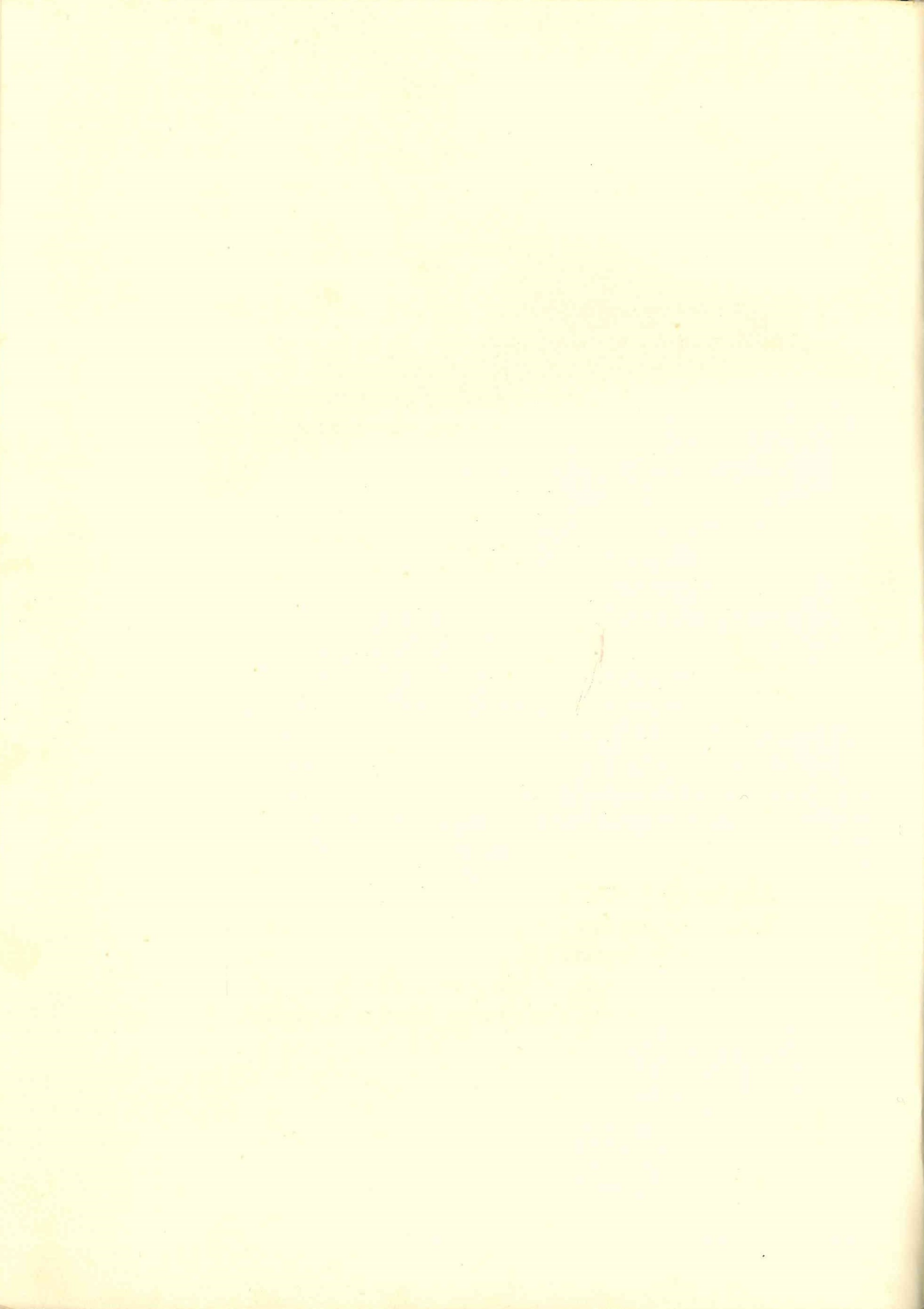
ques, charamelas, trombetas e luminárias»), nos Sínodos diocesanos, Comunidades, nos Conventos, Colégios e Câmaras Municipais, onde se reuniram, com a mais desusada solenidade, a Clerezia, a Nobreza e o Povo.

Depois, e para que se perpetuasse tam notável voto, «que vencendo assim os séculos — no dizer de Frei João de S. Bernardino — seja eterno monumento da Restauração de Portugal», El-Rei comemorava-o mandando cunhar moedas de ouro e prata, respectivamente de doze mil reis e seis tostões — chamadas geralmente moedas da Conceição. E ainda, e sobretudo com certeza, El-Rei enviava também a todos os municípios do País e Império Ultramarino, uma carta com a cópia da inscrição latina comemorativa do juramento solene, ordenando que fôsse gravada em pedra e colocada *«em todas as portas e entradas das cidades, villas e lugares de seus Reynos»*. Em Barcelos — onde as tradições nobres de Portugal não viveram nem passaram por acaso — havia duas dessas inscrições: uma gravada na Porta da Ponte e outra na Porta Nova.

Meus Senhores: A restauração que hoje se vai fazer, ali fóra — por vontade da ilustre Comissão local dos Centenários — em pedra velhinha e barcelense, da desaparecida lápida joanina, a poucos passos, precisamente, de onde outrora existiu uma daquelas velhas portas da vila — a famosa Porta da Ponte — sinto que é um acto verdadeiramente significativo



Ruínas dos Paços dos Condes-Duques



—darei mesmo: e uma alta lição de piedade e de patriotismo—maneira, por-certo, a um tempo simples e solene, de consagrar de modo muito especial, como é desejo e ordem de Salazar, o Rei-Restaurador e a Restauração da Independência.

Aquela invocação religiosa e patriótica, e também, agora, a extraordinária beleza evocativa do lugar, onde logo mais vamos todos em curta romagem, — tudo, tudo ali prepara para os nossos olhos e para a nossa alma um quadro raro, único talvez para a nossa sensibilidade de barcelenses, e bem digno de alto destino, que a descrição dum Mestre ou a tela de um Artista lhe poderiam dar, — digno, enfim, de transmitir ao Futuro a imagem exacta duma grandeza, a grandeza afinal dum Passado, que sendo de Portugal inteiro, é também, e sobretudo, de Barcelos.

A essa paisagem de maravilha — paisagem de sonho — onde tôdas as noites vem o luar, querida para a preferência do Rei (sendo o «Lavrador», foi também Rei-Poeta), que a escolheu para nela criar o primeiro condado territorial de Portugal, e àquelas pedras, ali em baixo, venerandas companheiras antigas de muitas com que um Infante do Mestre de Aviz — genro de Herói e de Santo — mandara erguer, um dia, rico e nobre Solar, que fôra, ao depois, caminho doirado da côrte de Portugal, — a essa paisagem e àquelas pedras, de verdade deve acarinhá-las o nosso respeito, o respeito mesmo de todos os portugueses. É que outras talvez não haja, em tôda a terra portuguesa, que melhor recordem em valor —

supremo sempre para nós em si, e pela sua futura e notável projecção internacional, — um dos mais singulares casamentos de Portugal, talvez da Península: o sangue do Condestável com o sangue do Mestre de Aviz.

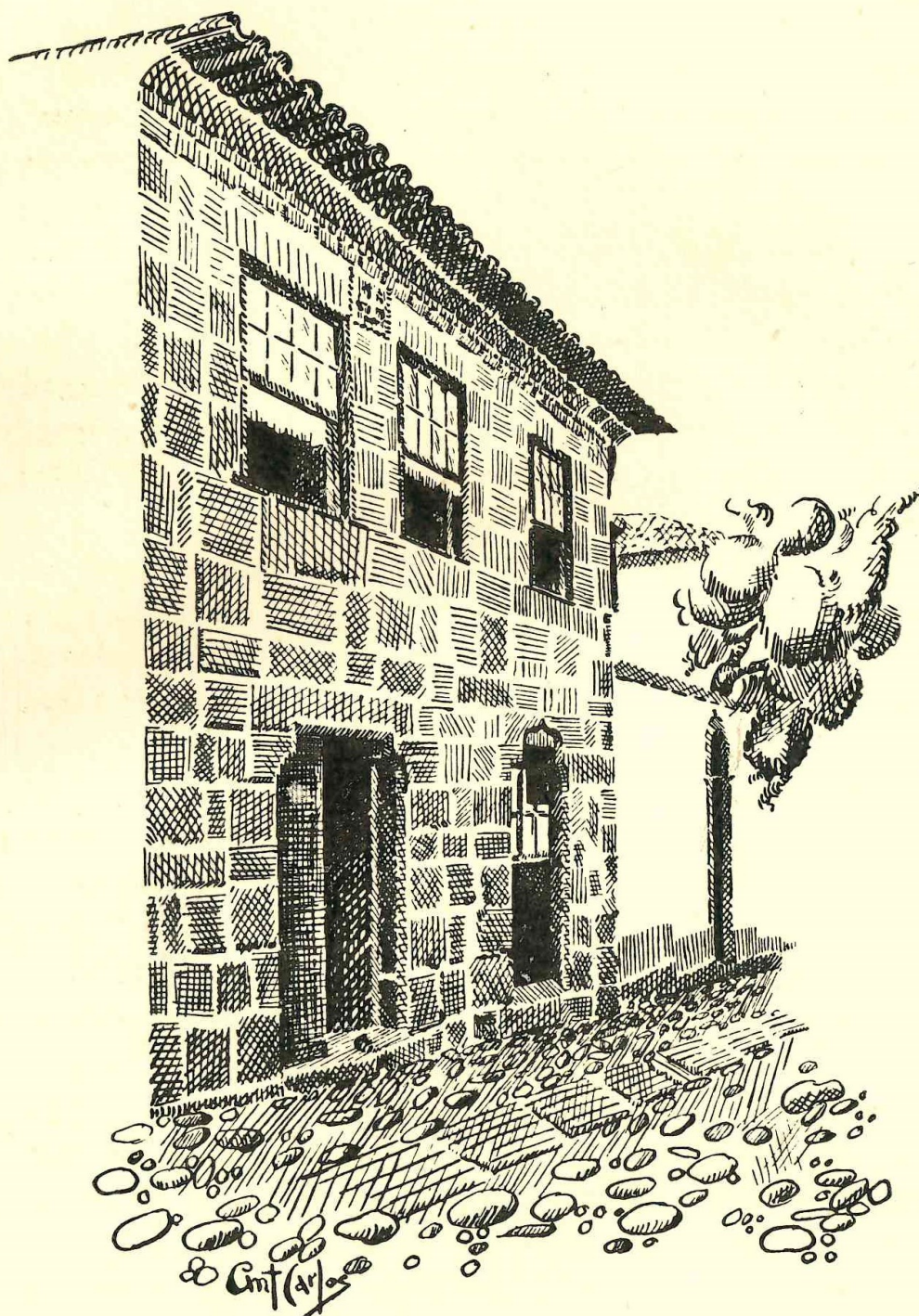
Dêsse enlace antigo, de magníficas conseqüências que se haviam de repercutir pelos séculos fóra até nós e para além de nós, saíram com os Reis de Portugal e Brazil, aquêles Imperadores, Reis e Príncipes que ao mundo se impuzeram sempre, quer na desventura, quer na riqueza e alegria — nas mais brilhantes côrtes de tôda a Europa.

Aos Condes de Barcelos sucedem-se, pois, os Condes-Duques na Casa de Bragança.

Famosa Casa entre as mais famosas de tôda a Europa e Nobres Senhores dos mais nobres do Mundo, dêles — neste instante, e porque fôra a figura primeira do « grande feito », de preferência eu evoco, cheio de emoção como barcelense, aquêlê moço Duque de Barcelos — o 4.º Duque de Barcelos, — futuro 8.º Duque de Bragança, e que fôra ao final, até morrer, um Patriota insigne, e um grande Rei — o Rei-Restaurador!

Tam Patriota — que alheio a ambições pessoais que por direito as podia ter, quando um dia lhe perguntaram o que faria se os conjurados proclamassem a nossa independência sob a forma de uma república aristocrática, êle — sem hesitar, respondeu: acataria êsse regimen e sustentá-lo-ia de armas na mão.

Tam grande e tam Rei — na nobreza, na fé, na prudência, no talento, na lealdade, no amor à justiça



Casa do Condestável D. Nuno

e no amor ao seu povo e até, na modéstia do seu viver — que levou um natural adversário da Causa Nacional — o Marquês de Aiamonte — a afirmar ao saber da aclamação do Senhor Dom João IV:

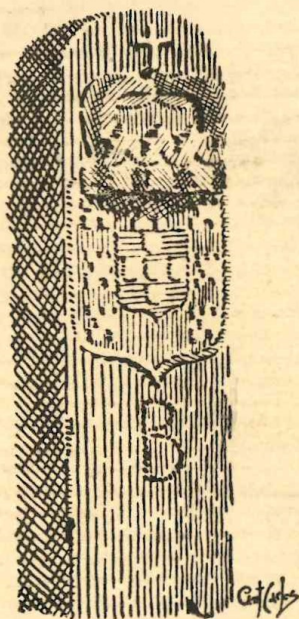
= *Tiene el Duque de Bragança reino pera si, hijos, nietos e bisnetos.*

Senhores: Sendo verdadeiro, como verdadeiro é, o sentido desta frase antiga, por amor e devoção patriótica arremedá-lo eu quero, por mim e por vós mesmo afirmando, em voz bem alta, neste fidalgo cantinho da Pátria: têm os Duques de Bragança Reino para sempre, porque Portugal Deus quiere que seja eterno!



BIBLIOGRAFIA

- António Correia de Oliveira* — «História Pequeninha de Portugal Gigante»
- A. C. Teixeira de Aragão* — «Descrição Geral e Histórica das Moedas»
- António G. Matoso* — «Revista dos Centenários — Setembro de 1940»
- A. Guerra Conde Junior* — «Os Duques de Bragança»
- Conde de Alvelos e Jaime Ferreira* — «Entre Castelos e Quinas»
- Doutor Afonso Lopes Vieira* — «Onde a terra se acaba e o mar começa»
«O romance de Amadis»
- Doutor Afrânio Peixoto* — «Viagens na Minha Terra. Portugal»
- Doutor Alfredo Pimenta* — «A Fundação e a Restauração de Portugal»
- Doutor António Cruz* — «Portugal Restaurado»
- Doutor Augusto de Castro* — «A Exposição do Mundo Português e a sua finalidade»
- Doutor Rodrigues Cavalheiro* — «Temas de História»
- Leitão de Barros* — «A última Rainha de Portugal»
- Major Mancelos Sampaio* — «1640 em Barcelos»
- Major Mancelos Sampaio e Augusto Soucasaux* — «Barcelos: Resenha-Histórica-Pitoresca-Artística»
- Monsenhor José Augusto Ferreira* — «Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga»
- Padre Moreira das Neves* — «Revista dos Centenários — Julho e Agosto de 1940»



biblioteca
municipal
barcelos



1393

Barcelos